

# Envelhecimento, velhice LGBTI+ e mulheres encarceradas: suas representações sociais durante o contexto pândemico

Aging, old age LGBTI+ and women in imprisonment: their social representations in context pandemic

**Maria Fernanda Lima Silva<sup>1</sup>, Mateus Egilson da Silva Alves<sup>2</sup>, Ludgleydson Fernandes de Araújo<sup>3</sup>, Lana Carine Soares Dias Camelo<sup>4</sup>, Jefferson Luiz de Cerqueira Castro<sup>5</sup>, Evair Mendes da Silva Sousa<sup>6</sup>**

Como citar esse artigo. SILVA, M. F. L. ALVES, M. E. S. ARAÚJO, L. F. CAMELO, L. C. S. D. CASTRO, J. L. C. SOUSA, E. M. S. Envelhecimento, velhice LGBTI+ e mulheres encarceradas: suas representações sociais durante o contexto pândemico. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 15, n. 3, p. 272-284, set./dez. 2024.

## Resumo

O encarceramento feminino é um dos fatores associados a superlotação dos presídios. Ademais, o aumento da população idosa alcança também o sistema prisional, especialmente afetado no período pandêmico. Assim, abordar interseccionalmente elementos como gênero, envelhecimento e sexualidade nos espaços carcerários tornar-se fundamental. Objetivou-se apreender as representações sociais (RS) da velhice LGBTI+ e do envelhecimento saudável entre mulheres encarceradas. Participaram 14 mulheres entre 21 e 53 anos (média de sentença de 130,42 meses). Na coleta de dados utilizou-se: I) questionário sociodemográfico, II) entrevista semiestruturada e III) TALP a partir do estímulo 'velhice LGBTI+'. A análise dos dados se deu através dos softwares SPSS para o I e Iramuteq para o II e III. As RS revelam formas de pensar e conhecimentos sobre as intersecções que perpassam às experiências e vivências dessa população. Outrossim, o contexto pandêmico elevou dificuldades e percas como a interrupção de laços familiares, acesso à atendimentos em saúde e sentimentos negativos como sofrimento, abandono e tristeza.

**Palavras-chave:** Covid-19; Envelhecimento; Encarceramento Feminino; Representações Sociais; Velhice LGBTI+.



**Nota da Editora.** Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

## Abstract

Female incarceration is one of the factors associated with prison overcrowding. In addition, the increase in the elderly population also affects the prison system, which has been particularly hard hit during the pandemic. Thus, intersectionally addressing elements such as gender, ageing and sexuality in prisons has become fundamental. The aim was to understand the social representations (SR) of LGBTI+ old age and healthy ageing among incarcerated women. The participants were 14 women aged between 21 and 53 (average sentence 130.42 months). Data was collected using: I) a sociodemographic questionnaire, II) a semi-structured interview and III) TALP based on the stimulus 'LGBTI+ old age'. The data was analyzed using SPSS software for I and Iramuteq for II and III. The SRs reveal ways of thinking and knowledge about the intersections that permeate the experiences of this population. In addition, the pandemic context raised difficulties and losses such as the interruption of family ties, access to health care and negative feelings such as suffering, abandonment and sadness.

**Keywords:** Aging; Covid-19; Female Incarceration; Social Representations; Older LGBTI+.

## Introdução

O percurso histórico do encarceramento feminino, antes mesmo de se discutir acerca da privação carcerária de liberdade, tem sua gênese no discurso hetero-patriarcal (FRANÇA; GERSHENSON, 2023). De acordo com Mendes (2017), já era um ato há muito tempo exercido sob a justificativa de preservação dos valores morais, dos bons costumes e da castidade. Nestes princípios tinham-se o poder necessário para julgar e aprisionar mulheres. Com efeito, diferentes sociedades desenvolveram por meio de instituições familiares, de escolas e da igreja formas de encarcerar quaisquer mulheres que agissem de modo ameaçador, desde rituais considerados bruxaria, relações sexuais fora do casamento e a prática de

Afiliação dos autores:

<sup>1</sup>Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPar, Parnaíba, Piauí, Brasil.

<sup>2</sup>Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPar, Parnaíba, Piauí, Brasil.

<sup>3</sup>Doutor em Psicologia pela Universidad de Granada na Espanha. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, Piauí, Brasil.

<sup>4</sup>Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade de Brasília-UnB, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

<sup>5</sup>Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPar, Parnaíba, Piauí, Brasil.

<sup>6</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPar, Parnaíba, Piauí, Brasil.

E-mail de correspondência: mateusegalves@gmail.com

Recebido em: 19/04/2023. Aceito em: 17/09/2024.

judaísmo (FERREIRA, 2021).

Ao que tange à privação carcerária de liberdade, atualmente, a submissão de mulheres ao cumprimento de pena privativa de liberdade se dá cada vez mais pela participação em práticas delitivas que fomentam a criminalidade e, conseqüentemente, o encarceramento feminino (SANTORO; PEREIRA, 2018). Dentre tais práticas está o envolvimento de mulheres em crimes vinculados a drogas, datado desde o fim dos anos 1980 e desde então tem expandido de forma significativa, sejam elas atividades do comércio admoestado do tráfico de drogas, e ao traslado nacional e internacional dos produtos que compõem a referida categoria (LIMA, 2015).

Assim, identifica-se atualmente o tráfico de drogas como principal responsável do encarceramento feminino, tendo como uma das principais conseqüências a superlotação do sistema prisional. Segundo o Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN, 2014), o perfil dessa população era caracterizado por mulheres jovens, advindas de contextos sociais marginalizados, com baixa escolaridade, que exerciam o papel de provedoras do lar, e outrora também exerciam trabalho informal como meio de sobrevivência diante de seus extratos sociais econômicos desvalidos (SANTORO; PEREIRA, 2018).

Ademais, a população idosa tem ganhado visibilidade, fato denotado pela Organização das Nações Unidas – ONU (2022) cuja expectativa projeta que até 2050 haverá mais idosos/as que crianças de até 15 anos. Neste sentido, envelhecimento populacional é perceptível em diversos âmbitos da sociedade brasileira. Este tem se expandido e adentrado espaços como as penitenciárias que, para Cury e Menegaz (2017), são espaços de violação dos direitos humanos.

Hodiernamente entende-se que o envelhecimento é um processo que ocorre de modo individual, o que implica que a velhice dá-se de forma multideterminada e com distintas avaliações e percepções quanto à Qualidade de Vida (QV). Dessarte, isso só é possível com a intervenção de fatores que atuam sobre a QV, como: redução da taxa de natalidade e mortalidade; ascensão das tecnologias; dos serviços sanitários e de saúde; criação de vacinas e fármacos; elaboração de políticas públicas (ALVES et al., 2022).

Para Araújo (2022) a velhice deve ser efetuada por meio de uma perspectiva interseccional, de modo que possibilite múltiplas formas de manifestação das expressões e identidades de gênero e sexualidades, tornando-as visíveis. Isto implica abordar o envelhecimento e a velhice LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Intersexuais) e outras expressões de gênero e sexualidade, como temáticas que competem para o desenvolvimento das práticas gerontológicas em saúde, deveras como responsabilidade de familiares, profissionais de saúde, cuidadores e do/as próprio/as idoso/as (ALVES et al. 2023).

A pandemia de COVID-19, também gerou impactos nas formas de vida da população carcerária. Costa, Silva, Brandão e Bicalho (2020), apontou o Brasil como o 4º país com mais casos de COVID-19 por pessoas em privação de liberdade (PPL). A realidade de uma pandemia no cenário brasileiro favoreceu para que o encarceramento gerasse uma crise sanitária devido às péssimas condições de sobrevivência em espaços superlotados, com serviços de saúde escassos, condições insalubres de habitação, alimentação precária, redes de apoio social fragilizadas (CURCIO et al., 2020).

De acordo com Queiroz (2015) a prisão é um ambiente hostil com potencial de causar danos físicos e mentais, e pode alterar a idade fisiológica dos encarcerados. Logo, acredita-se que indagar sobre o envelhecimento é um ato inevitável nesse ambiente. As estatísticas sobre o encarceramento de mulheres idosas, conforme o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN, 2019), apresentam estimativa de 11.374 idosos(as) presos(as), ou seja, 1,52% da população prisional nacional. O estado de realização do estudo, se comparado com outras unidades, apresenta a contabilização do maior número de presas acima de 70 anos (1,16%); entretanto, a estimativa reduz quando se trata de mulheres entre 61 e 70 anos (0,58%); e aumenta ao se tratar de mulheres na faixa-etária entre 46 a 60 anos (5,20%).

Escolheu-se como aporte teórico a teoria das Representações Sociais (RS) de Serge Moscovici e Jodelet, por consistir em uma abordagem teórica-empírica com possibilidades de, a partir do contato com o senso comum do público alvo, alcançar a atual posição entre indivíduo, sociedade e cultura (ARAÚJO; ALMEIDA, 2019; JODELET, 2018). De modo que para Moscovici (2012), a gênese de toda representação

do homem comum está em transformar algo estranho em objeto familiar, por meio de processos da articulação entre o pensamento e a realidade, de trocas simbólicas e afetivas de um grupo, possibilitando que algo novo passe a ser compreendido, classificado e categorizado no seu universo.

Segundo Jodelet (2018), as RS permitem aos indivíduos instituir formas de interpretar e explicar fatos, de criar teorias, produzir conhecimentos e temas que fazem parte do universo individual e coletivo, os quais são interpretados mediante a realidade e visão de suas experiências por meio de falas, gestos e comportamentos que auxiliam na tomada de decisão. Diante do exposto, objetiva-se conhecer as representações sociais do envelhecimento em privação de liberdade (PL) e da velhice LGBTI+ por parte de mulheres em encarceramento, ao buscar contribuir para a ampliação de discussões acerca desta população interseccionada a temáticas como a do envelhecimento e velhice LGBTI+.

## Método

### Tipo de investigação

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, descritiva e exploratória, com dados transversais e amostra não-probabilística por conveniência.

### Participantes

Participaram 14 mulheres em PL, com idade entre 21 e 53 anos ( $m = 33,42$ ;  $dp = 9,13$ ) e média de sentença prisional de 130,42 meses ( $dp=131,16$ ). Dentre estas, 57,1% são solteiras, 14,3% casadas ou em união civil, enquanto 7,1% são viúvas ou separadas. Quanto a religiosidade, 50% declararam-se evangélicas, 42,9% católicas e 7,1% sem religião. Frente a orientação sexual 71,4% é heterossexual, 14,3% homossexual e 14,3% bissexual. Na variável escolaridade 71,4% têm apenas o ensino fundamental, 21,4% concluíram o ensino médio e 7,1% se consideram sem escolaridade e 100% declararam não possuir renda mensal.

### Instrumentos

Utilizou-se três instrumentos para coleta de dados: 1) questionário sociodemográfico, com aspectos que caracterizam a amostra: idade, sexo, estado civil, renda, religião, escolaridade, orientação sexual e tempo de reclusão; 2) entrevista semiestruturada com questões norteadoras: “O que você pensa sobre envelhecer em PL? “Você acredita que o envelhecimento pode acontecer de forma saudável dentro das penitenciárias femininas?”; 3) Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) com a palavra estímulo ‘Velhice LGBTI+’.

### Procedimentos éticos

O presente estudo recebeu aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de uma universidade pública federal com parecer nº 1.755.xxx. Enfatiza-se que todas as participantes acessaram ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), com informações sobre a pesquisa, possíveis riscos e implicações com a participação e sigilo de dados. Para além dos pesquisadores, psicólogas atuantes nas penitenciárias foram orientadas para realizar a aplicação dos questionários dentro do sistema prisional em que atuavam.

### Coleta de dados

Diante de um contexto pandêmico que instigou a proibição de visita nas Unidades Penais, algumas medidas foram necessárias para que a coleta de dados ocorresse sem riscos aos participantes. Neste sentido, buscou-se contato com profissionais atuantes em penitenciárias, que se disponibilizaram a apresentar a pesquisa à direção das Unidades. Logo, realizou-se o preparo prévio sobre o manuseio do instrumento com as profissionais e deu-se a aplicação, conforme a demanda de trabalho psicológica na rotina do local. O tempo médio de aplicação foi de 30 minutos. Enfatiza-se que por respeito às limitações dos participantes em relação à escolaridade, entre outros fatores, os registros foram efetuados pelas profissionais.

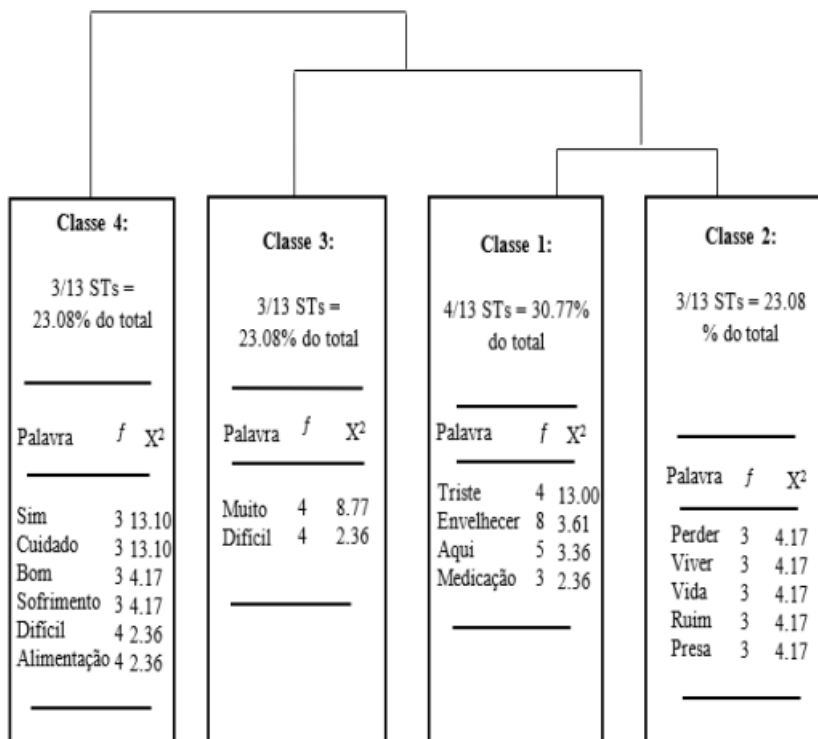
### Análise dos dados

Os dados sociodemográficos foram analisados através do *software* SPSS for Windows versão 21, que forneceu as estatísticas descritivas. O conteúdo das entrevistas semiestruturadas foram analisadas pelo *software* Iramuteq. No *software* Iramuteq efetuou-se a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), visando compreender a relação das classes de segmento de texto, previamente organizadas nas Unidades de Contexto Inicial (UCI), utilizados na construção de um único dendrograma.

Por fim, a partir dos dados compilados através do TALP realizou-se a análise prototípica no *software* Iramuteq. Assim, o procedimento dessa análise produziu quatro zonas: a primeira é o núcleo central; a segunda refere-se ao sistema periférico; a terceira contém elementos periféricos contrastantes e a quarta também é marcada com dados periféricos. Em cada zona é possível observar a frequência que cada palavra aparece com a posição média a ela atribuída no momento de classificação que resultou na OME (WACHELKE; WOLKER, 2011).

### Resultados

O corpus geral foi constituído por 14 textos, separados em 14 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 13 STs (92,86%). Surgiram 356 ocorrências, sendo 166 o número de formas distintas. O conteúdo analisado foi categorizado em 4 classes: classe 1 com 4 STs (30,77%); classe 2 com 3 STs (23,08%); classe 3 com 3 STs (23,08%); e a classe 4 com 3 STs (23,08%). Para organizar os dados obtidos na Classificação Hierárquica Descendente (CHD), criou-se um dendrograma com vocábulos de valor significativo, no qual  $X^2$  é acima de 3.80 ou  $p < 0,05$ , como visível na Figura 1.



**Figura 1.** Dendrograma das RS sobre envelhecer em privação de liberdade no período de Covid-19 entre mulheres brasileiras em cárcere.

#### Classe 4 - QV entre mulheres encarceradas no contexto de pandemia de Covid-19

A classe quatro contém 3 STs e corresponde a 23.08% do total, as palavras mais significativas são: “sim” e “cuidado” com maior  $\chi^2=13$ . Também se considerou as palavras “bom” e “sofrimento” ( $\chi^2= 4.17$ ). Aqui, as participantes narram sobre fatores que impactam o envelhecimento e como proporcionam QV ou por meio de um envelhecer saudável/doentio dentro dos cárceres em período pandêmico. Observa-se um paradoxo presente nas falas a seguir:

*“Envelhece mais rápido, difícil, não consegue ter **cuidados, sofrimento** mental” (Participante 03, 26 anos, casada, heterossexual, evangélica, ensino fundamental).*

*“**Sofrimento**, estar longe da família. Se para nós que somos novas é difícil imagine para um idoso” (Participante 13, 34 anos, solteira, heterossexual, evangélica, ensino fundamental).*

*“É perder uma vida que poderia ser vivida fora da penitenciária” (Participante 07, 25 anos, solteira, bissexual, evangélica, ensino médio).*

*“**Sim**, porque os mesmos **cuidados** que temos eles têm” (Participante 13, 34 anos, solteira, heterossexual, evangélica, ensino fundamental).*

#### Classe 3 - As relações interpessoais dentro das penitenciárias femininas

Nesta classe estão 3/13 segmentos de texto, equivalente a 23.08% do total. Nela, apenas a palavra “muito” alcançou valor significativo de  $\chi^2=8.77$ . No entanto, são registradas falas que expõem percepções baseadas nas vivências das mulheres em PL e que caracterizam as dificuldades nas relações, ao que também perpassam o envelhecimento no cárcere:

*“Envelhece mentalmente, coração sofrido, **muito** difícil” (Participante 02, 39 anos, solteira, heterossexual, católica, ensino fundamental).*

*“É difícil, as relações sociais aqui dentro são **muito** difíceis” (Participante 11, 25 anos, solteira, sem religião, homossexual, ensino médio).*

*“Porque enfrentamos muitas coisas. As relações com colegas, preconceito, cada dia enfrentar uma situação difícil” (Participante 02, 39 anos, solteira, heterossexual, católica, ensino fundamental).*

*“A penitenciária é um lugar ruim e sem liberdade” (Participante 10, 53 anos, união civil, heterossexual, evangélica, ensino fundamental).*

#### Classe 1- Compreensão do envelhecer em privação de liberdade

A classe 1 obteve a maior quantidade de segmentos de texto e (30.77%). Todavia, apenas a palavra “triste” obteve  $\chi^2=13$ , considerado acima do valor significativo (3.80). Notou-se que os discursos aqui presentes contêm os modos de compreensão que as participantes têm sobre o envelhecer em PL, como um processo real e que gera perdas significativas a todo/as o/as envolvido/as, visível nas seguintes falas:

*“**Tristeza**, não tem o amor dos filhos, não acompanha os filhos. Não quero envelhecer na prisão” (Participante 08, 34 anos, solteira, heterossexual, evangélica).*

*“**Triste**, é necessário envelhecer perto da família (Participante 14, 35 anos, solteira, heterossexual, católica).*

*“Não, porque aqui não tem os mesmos recursos que possuímos lá fora, fora **a tristeza**”*

(**Participante 14**, 35 anos, solteira, heterossexual, católica).

“Não, porque a gente é humilhada, há punições, uns pagam por outras” (**Participante 05**, 34 anos, solteira, bissexual, católica).

### Classe 2 - Condições de vida da população carcerária feminina

A presente classe corresponde a 23.08% do dendograma (3/13 ST), onde têm-se os vocábulos “perder”, “viver”, “vida”, “ruim”, “presa”, todos com  $\chi^2 = 4.17$ . Nas declarações elucidadas encontram-se aspectos voltados para condições de vida e de sobrevivência, tanto àqueles que já estão presentes quanto aos ausentes. Soma-se a isto as referidas perdas e sacrifícios somados a vivenciar o envelhecimento nestes ambientes.

“Ruim, porque já se viveu a maior parte da **vida presa**” (**Participante 12**, 42 anos, casada, heterossexual, evangélica).

“Penso que **perde** todo o tempo de **viver** e ser feliz, mas não desistir porque a **vida continua**” (**Participante 09**, 26 anos, união civil, heterossexual, católica).

“Ruim, envelhecer dentro da cadeia **perde** a noção de entendimento das coisas” (**Participante 4**, 28 anos, solteira, heterossexual, católica).

Tratando-se da análise dos dados alcançados por meio da TALP, a palavra estímulo ‘velhice LGBTI+’ obteve 70 evocações, com uma média geral de 2,96 (frequência média das evocações). Baseado em estudo prévio (CAMARGO; JUSTO, 2013), manteve-se o padrão automático do programa que define o limite de 2 para frequência mínima a ser considerada. Dessa forma, os pontos de corte para as coordenadas dos quadrantes foram delimitados mediante a ordem média de evocação (OME), como exposto na Tabela 1.

**Tabela 1.** Zona central e primeira periferia das RS sobre velhice LGBTI+

	ZONA CENTRAL			PRIMEIRA PERIFERIA		
	Ordem Média de Evocação (OME)			Ordem Média de Evocação (OME)		
	< 2,96			> 2,96		
	Palavra	F	OME	Palavra	F	OME
Frequência ≥ 2,78	Preconceito	6	2,5	Sofrimento	3	4,7
				Felicidade	3	3
				Amor	3	3

O quadrante superior esquerdo registra as palavras com frequência maior que a média, porém, com baixa ordem de evocação, ou seja, trata-se de palavras que foram prontamente mais evocadas. A palavra “preconceito” ( $f=6$  e a  $OME=2,5$ ), foi a principal indicadora do núcleo central das RS sobre Velhice LGBT. Isto reflete que as participantes compreendem ou que a temática abordada se difere da velhice heterossexual ainda dominante nas sociedades, e por meio da palavra preconceito, dão sustentabilidade

às crenças que perpassam essa população.

Logo, no quadrante superior direito está a primeira periferia que difere da zona central por apresentar palavras onde tanto a frequência quanto a OME são maiores. Dessa forma, os elementos “sofrimento” ( $f=3$ ;  $OME=4,7$ ), “felicidade” ( $f=3$ ;  $OME=3$ ), e “amor” ( $f=3$ ;  $OME=3$ ) caracterizam essa categoria. Enfatiza-se que a maior parte dessas evocações contém ideias positivas frente a palavra-estímulo apresentada, expressas através das palavras felicidade e amor que na sociedade em geral são vistas como sentimentos bons.

Na tabela 2 estão apresentados os elementos da zona de contraste e segunda periferia, que através da análise prototípica são organizados em quadrantes inferiores. Entende-se que os elementos nessas categorias não apresentam representações sociais distantes dos apresentados nos quadrantes superiores, todavia, por apresentarem uma OME inferior, eles são organizados em categorias secundárias.

A zona de contraste, situada no terceiro quadrante (inferior esquerdo), está composta por palavras que apesar de terem sido prontamente evocadas apresentam uma frequência abaixo da média. Com efeito, os vocábulos “vida” ( $f=2$ ;  $OME=1,5$ ), “doença” ( $f=2$ ;  $OME=2,5$ ), e “avó” ( $f=2$ ;  $OME=2$ ) trazem consigo uma representação dos papéis que podem ser desempenhados na velhice LGBTI+, a exemplo de avó, mas que também consideram as representações esperadas ao se tratar de qualquer tipo de velhice implicadas nas palavras doença e vida.

E o quarto quadrante (inferior direito), denomina-se como segunda periferia por apresentar representações que complementam àquelas apresentadas na primeira periferia, porém com frequência e OME inferiores. Como exposto na tabela 2, este quadrante trouxe à tona as evocações “superação” ( $f=2$ ;  $OME=4,5$ ) e “netos” ( $f=2$ ;  $OME=3$ ), o que abre espaço para a compreensão de que a velhice LGBTI+ tem em si desafios e questões a serem superadas, como aponta para as relações familiares e intergeracionais.

Tabela 2. Zona de contraste e segunda periferia das RS sobre velhice LGBTI+

	ZONA DE CONTRASTE			SEGUNDA PERIFERIA		
	Ordem Média de Evocação (OME)			Ordem Média de Evocação (OME)		
	< 2,96			> 2,96		
	Palavra	F	OME	Palavra	F	OME
Frequência < 2,78	Vida	2	1,5	Superação	2	4,5
	Doença	2	2,5	Netos	2	3
	Avó	2	2			

## Discussão

O fenômeno do aprisionamento de mulheres é uma realidade universal, que engloba mais de 714 mil mulheres em diferentes prisões no mundo (FAIR; WALMSLEY, 2017). E se tratando do Brasil, encontra-se um cenário no qual o número de mulheres em situação de cárcere consiste em aproximadamente 37.828 detentas no ano de 2017. Logo, observou-se que esse percentual aumentou significativamente

desde o início do século XXI e já alcança aumento em até 675% desse valor ao final do referido ano (INFOPEN, 2017).

No ranking internacional, o Brasil ocupa a 3ª posição em número absoluto de pessoas em PL, ficando atrás apenas da China e dos Estados Unidos da América. Com a chegada da pandemia houve uma redução alcançando aproximadamente 759.518 pessoas em PL, todavia não houve redução na superlotação dos presídios, o que favorece a propagação de múltiplas doenças inclusive na transmissão do novo coronavírus (COSTA; SILVA; BRANDÃO; BICALHO, 2020).

Ao analisar o perfil sociodemográfico das participantes desse estudo, visualiza-se o exposto por Ferreira (2021), sobre o perfil criado pela sociedade hetero-patriarcal que descreve como e quem são as mulheres dignas do encarceramento correccional. Conforme descrito pela autora, trata-se de mulheres vistas como prostitutas, mendigas (em situação de rua), desprovidas de proteção masculina, pobres, ociosas, que compõem um perfil étnico-racial majoritariamente por mulheres negras, da periferia, marginalizadas, com filhos/as e vulneráveis também psicossocialmente.

Destarte, apesar de se reconhecer o cárcere como produtor de repercussões e sentimentos equivalentes a homens e mulheres, ainda é necessário considerar que estas categorias compõem sistemas sociais distintos. Sofrem influência de gênero, cultura, condições socioeconômicas e demográficas, de modo a gerar demandas e necessidades próprias do corpo feminino, por isso devem ter suas particularidades respeitadas no processo do cumprimento de pena e de ressocialização.

#### **Classe 4 - Qualidade de vida das presas no contexto de pandemia de Covid-19**

A definição de QV abrange concepções com diferentes essências e domínios, tais como: o científico, senso comum, saúde, emocional, social e econômico. Trata-se de um termo cujo uso está sendo expandido em diálogos sobre modos de melhoria no padrão de vida e bem-estar das pessoas em diferentes contextos e condições socioeconômicas (DAVI; GARCIA, 2020).

Alves et al. (2022) interpreta a QV como um construto particular ao sujeito, que abrange múltiplas dimensões sobre a realidade percebida de forma individual, mas que traz afetações do contexto em que vive, relaciona-se à personalidade, expectativa, cultura, nas relações interpessoais, com a sociedade e o ambiente em que vive. Assim, entende-se que a QV tem potencial de interferir na velhice e no processo de envelhecimento dos seres humanos.

Ao entender tal conceito, percebe-se que com a manifestação da COVID-19, ocorreram alterações e perdas significativas nas formas e QV da população carcerária. Logo, é possível afirmar que as condições analisadas nas unidades prisionais também são responsáveis pelo adoecimento e por morte dos indivíduos que ocupam estes espaços, ao mesmo tempo em que classifica toda a população carcerária em risco, principalmente mulheres e idosas.

As condições de sobrevivência em PL se agravaram, uma vez que infectado o indivíduo fica suscetível a sintomas que associados à comorbidades podem causar a morte (BRASIL, 2021). Assim, a pandemia adentrou em um sistema prisional sobrecarregado, com múltiplas demandas, desde déficits nas estruturas físicas à QV dos internos, como exposto anteriormente nas falas das participantes, onde adjetivos endossaram qualificações desse ambiente e suas condições como lugar que produzem sofrimento (NUNES; MACEDO, 2021).

Sánchez, Simas, Diuana e Larouze (2020) apresentam como manifestações cada vez mais comuns na vida intramuros sentimentos de medo, ansiedade, tristeza, irritabilidade, preocupação excessiva com a possibilidade de infectar-se, assim como o temor pela própria saúde e também pela subsistência da família, vistas como emoções tanto das pessoas em PL quanto para os funcionários que atuam no sistema prisional. Isto reflete as dificuldades que o sistema tem em promover ações, de forma integral e efetiva, para cuidados em saúde biopsicossocial.



### **Classe 3 - As relações interpessoais dentro das penitenciárias femininas**

Quanto aos relacionamentos interpessoais - sejam conjugais, familiares e sociais - permeia-se narrativas de experiências e memórias de abandono. A carência emocional, a solidão, a manifestação de conflitos relacionais e outras formas de violência entre ou para com as detentas são tidos como aspectos comuns a essa realidade, além dos estigmas excludentes por parte da sociedade que predominam sobre essa população (SÁNCHEZ; SANTOS; LAROUZE, 2018).

Um estudo evidenciou as RS de idosos em PL sobre a vida quando estivessem fora da prisão. Nos resultados surgiram quatro categorias principais: serventia a Deus, recomeço na família, ressocialização e desesperança. Os autores concluíram que o relacionamento e apoio familiar, a crença e o preparo para a vida em sociedade são importantes, uma vez que os ajudam a crer na dignidade apesar das perdas causadas pela reclusão (LOPES et al., 2020). Assim, compreende-se que a ausência de redes de apoio no processo do cumprimento da pena tende a tornar esse grupo mais suscetível ao adoecimento e envelhecimento psíquico.

### **Classe 1 - Compreensão do envelhecer em privação de liberdade**

Gawryszewski (2018) fez observações necessárias sobre a realidade do cárcere de pessoas idosas. Segundo a autora, o índice elevado de pessoas idosas no cárcere é mais comum em países com pena de prisão perpétua. Também enfatiza que a população carcerária é acometida ao envelhecimento psicológico acelerado, de modo a refletir aproximadamente 10 anos de diferença entre a idade cronológica e a idade psicológica.

Portanto, a partir dessa idade o indivíduo já é considerado idoso(a). Na nota técnica n.º 16/2020 lançada pela DEPEN, orienta-se sobre o manejo adequado frente a custódia de pessoas idosas no sistema prisional brasileiro, respondendo aos regulamentos nacionais e internacionais. Nesta, está assegurado que pessoas idosas inseridas no sistema prisional devem habitar espaços congruentes à sua condição pessoal, todavia, as políticas de funcionamento das prisões foram pensadas para a população jovem, por isso tornam-se excludentes.

### **Classe 2 - Condições de vida da população carcerária feminina**

Identificou-se como peculiaridade das penitenciárias femininas diversas situações de extrema vulnerabilidade, o que pode ser exemplificado através da inexistência e/ou escassez de produtos de higienização próprios para o corpo feminino (absorvente, sabonete íntimo, shampoo, escovas, etc.), pelas limitações de atendimento em saúde, na manifestação de comportamentos que se caracterizam como violência obstétrica, na ausência de tratamento ginecológico, no transporte e custódia de mulheres inapropriados (LEAL et al., 2016), dentre outros que se articulam e geram os impactos e desvantagens de ser mulher no sistema prisional.

Além disso, normas de distanciamento social aplicadas no âmbito externo aos cárceres são impossíveis dentro das celas. Nesse sentido, Kinner et al. (2020) afirmam que os espaços de confinamento podem ser promissores na transmissão de doenças infecciosas devido à superlotação, pouca ventilação e restrição ao acesso nos serviços de saúde, formalizando um cenário favorável ao aumento de riscos da população intramuros.

Nos discursos apresentados, percebe-se falas marcada relacionadas ao adoecimento emocional, entretanto, sem relacionar-se com sintomas da depressão, expressa por apenas uma participante (identificada como 12). Acredita-se que essa ausência de compreensão acontece por diversos fatores como baixa escolaridade, a ambiência e limitações geradas pelo ambiente prisional. Enfatiza-se que considerar essa questão não implica no diagnóstico de que todas as pessoas em cárcere são depressivas, mas denota que os sentimentos elucidados revelam o nível de suscetibilidade, assim é importante considerar este fator em estudos futuros.

## Análise das Representações Sociais sobre a palavra-estímulo Velhice LGBTI+

Segundo Neri (2008), a velhice se dá como uma fase do envelhecimento humano, a qual consiste em um processo mais complexo que abrange outras fases. Araújo, 2022 caracteriza a velhice como um constructo sóciohistórico e psicológico presente em diferentes épocas e lugares, ainda que marcado por preconceitos e estereótipos que lhe atribuem aspectos negativos.

No tocante aos estereótipos que assolam a velhice destaca-se as concepções de que velhos(as) deixam de ser pessoas funcionais e ativas, sem condições de exercer atividades remuneradas – a fim de garantir seu próprio sustento, não possuir aptidão para realizar atividades diárias, sejam domésticas ou de cuidados pessoais, assim como não possuir uma sexualidade ativa ou status social. Ao falar de sexualidade na velhice traz-se à tona a necessidade de abordar as implicações da orientação afetivo-sexual, bem como da identidade de gênero, entre pessoas idosas (ALVES et al., 2023; ALVES et al., 2024).

A zona central deste estudo foi representada unicamente pela palavra preconceito, que como esperado, ainda é a característica dominante para com as pessoas LGBTI+. Na primeira periferia observou-se o destaque que o termo sofrimento obteve e corrobora com a realidade de idoso/as LGBTI+ que não assumem sua orientação sexual de forma pública por medo das reações de sua rede de apoio familiar e social. O último quadrante foi representado pelo vocábulo superação, isto remete a ideia de que pertencer ou se aceitar como LGBTI+ exige mudanças, transformações e obstáculos a serem superados.

Ademais, Alves et al. (2024), apresenta que a ocultação da orientação sexual na população idosa LGBTI+ muitas vezes é intencional, devido ao medo de se tornar alvo de preconceito e discriminação, além dos riscos de perdas e rejeição por parte de amigos e familiares. Na compreensão destes autores a sexualidade não deve se resumir ao sexo, mas abrangendo também o prazer, cumplicidade, amor e autoconhecimento do seu corpo e do outro. Assim, elementos secundários das RS da velhice LGBTI+ revelam que o amor, felicidade e a vida também fazem parte do conhecimento que é construído sobre essa população.

Araújo (2022) pondera sobre a ausência de dados sociodemográficos sobre idoso/as LGBTI+ brasileiro/as, também nas pesquisas e projeções demográficas. O autor justifica que estes questionamentos também se caracterizam como fatores que contribuem para a inviabilização da velhice LGBTI+, além dos estereótipos de que os idosos são majoritariamente heterossexuais, mas quando chegam na velhice se tornam assexuados, vistos como incapazes de terem uma vida sexual ativa.

Partindo desse pressuposto, é notório que a influência de aspectos socioculturais e biopsicossociais, como as mudanças corporais, posição social ou cultural que as pessoas idosas se encontram, a presença ou não de patologias e a condição financeira e familiar, têm potencial de interferir e indicar como será tal envelhecimento, de modo a evidenciar quais fatores divergem ou assemelham esse envelhecer com o de gerações anteriores.

## Considerações finais

O envelhecimento humano é um fenômeno mundial que se manifesta de forma singular e subjetiva. Ao adentrar as penitenciárias brasileiras, percebeu-se demandas biopsicossociais. Compreende-se que a pandemia propiciou interrompeu laços familiares, intensificou o sofrimento psíquico, e dificultou o acesso a serviços de saúde. Pensar na Velhice LGBTI+ neste contexto foi um exercício que gerou reflexões às participantes, visto que os sentimentos de sofrimento e abandono, dentre outros, estavam presentes nos discursos acerca do envelhecer em PL e quando trouxeram à tona RS sobre a temática em estudo.

A chegada do coronavírus nas penitenciárias do Brasil intensificou os desafios enfrentados. A

superlotação, condições de infraestrutura, ausência de contato com familiares e de ações sociais relacionam-se ao adoecimento físico e mental. Dessa forma, a população que até então já era esquecida, passou a ser duplamente vulnerabilizada, a princípio pelas consequências de vida dentro das penitenciárias, assim como pela ocultação do sofrimento diário dessa população, característica presente desde a fundação do cárcere. Logo, é notório que estar separada do âmago social não significa proteção contra fatores externos.

No tocante a abordagem utilizada para fundamentar este estudo, vale enfatizar que a Teoria das RS se mostra eficiente, com potencial de alcançar as formas de pensar e o conhecimento adquirido nas experiências e vivências no universo de mulheres em privação de liberdade. O que possibilita concluir que as RS ainda são, majoritariamente, negativas.

Admite-se que a amostra populacional da pesquisa é considerada desproporcional frente ao número total dessa população. Por isso, sugere-se que outros estudos sejam realizados nesse contexto, visando alcançar uma amostra a nível nacional que contemple a diversidade da população. Outrossim, reconhece-se a escassez de estudos sobre essa temática, principalmente na área da Saúde e da Psicologia Social, como fator prejudicial na compreensão dessa realidade, o que reafirma o pressuposto de negligência com as PPV.

Assim, direcionar pesquisas para populações vulneráveis, principalmente reclusas, deve ser visto como uma necessidade nos núcleos de pesquisas brasileiros de gerontologia e geriatria, visto que essa área tende a sofrer grandes impactos com as mudanças de cenário e suas devidas afetações, a exemplo da pandemia da COVID-19, que diante das incertezas de um futuro, tem assombrado e impactado a forma da sociedade em cárcere de pensar sobre o envelhecimento.

## Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

## Referências

- ARAÚJO, L. F. Desafios da Gerontologia frente à velhice LGBT: aspectos psicossociais. In: E. V. Freitas; L. Py. (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022.
- ALVES, M. E. S. et al. Aspectos Psicossociais da Qualidade De Vida Entre Idosos Brasileiros No Contexto Da Pandemia da Covid-19: Suas Representações Sociais. **Revista Iberoamericana de Psicología**, v. 15, n. 3, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33881/2027-1786.rip.15303>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- ALVES, M. E. S. et al. Old Age and Their Conceptions in the Political Field: A Psychosocial Analysis of LGBTQI+ Old Age from the social representations of municipal parliamentarians. **Revista Interamericana De Psicología**, v. 57, n. 3, p. e1883, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.30849/ripij.v57i3.1883>. Acesso em: 20 jan. 2024.
- ALVES, M. E. S. et al. Velhos desafios, novos tempos: pesquisas, perspectivas e velhice LGBT+ no cenário pós-Covid-19. In: Silva, H. S.; L. F. Araújo (Orgs.). **Gerontologia e a Covid-19: pesquisa, avanços e contribuições**. Campinas: Alínea, 2024.
- ARAÚJO, V. O. L.; ALMEIDA, G. B. S. Representação Social De Idosos Institucionalizados Sobre Os Benefícios E Malefícios Das Vacinas. **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 2, p. 131-135, 2019. Disponível em: <https://acesse.one/OsPxo>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- BRASIL. **Recomendações para Prevenção e Cuidado da Covid-19 no Sistema Prisional Brasileiro**. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Políticas Penais, 2021. Disponível em: <http://depen.gov.br/DEPEN/ManualCOVID19DEPEN1edicao.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>. Acesso em: 13 ago. 2023.

COSTA, J. S.; SILVA, J. C. F.; BRANDÃO, E. S. C.; BICALHO, P. P. G. Covid-19 no sistema prisional brasileiro: da indiferença como política à política de morte. **Psicol. Soc.**, v. 32, p. e020013, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240218>. Acesso em: 13 ago. 2023.

CURCIO, F. S et al. População em situação de privação de liberdade, acesso à saúde e vulnerabilidade em tempos pandêmicos. In: **Anais do 9º Coninter**, 2020. Disponível em: <https://encr.pw/aeRIT>. Acesso em: 13 ago. 2023.

CURY, J. S.; MENEGAZ, M. L. Mulher e o cárcere: uma história de violência, invisibilidade e desigualdade social. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero, 11 & 13th Women's Worlds Congress, Anais [...]**. Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/wwc2017/>. Acesso em: 15 set. 2023.

DAVI, M. C.; GARCIA, J. C. R. Necessidade, acesso e uso da informação como fatores para qualidade de vida para mulheres em privação de liberdade. **Brazilian Journal of Information Science: Research Trends**, v. 14, n. 2, p. 75–103, 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/deluT>. Acesso em: 15 set. 2023.

FRANÇA, R. M. S.; GERSHENSON, b. O encarceramento de mulheres no capitalismo dependente e periférico brasileiro. **Revista Katálysis**, v. 26, p. 222-231, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2023.e90729>. Acesso em: 15 ago. 2024.

FAIR, H.; WALMSLEY, R. **World Female Imprisonment List**. London: Institute for Crime & Justice Policy Research, 2017. Disponível em: <https://www.prisonstudies.org/news/world-female-imprisonment-list-fourth-edition>. Acesso em: 08 out. 2023.

FERREIRA, D. D. S. **Mínimos para (sobre) viver: discussão sobre as ações de atendimento às mulheres privadas de liberdade na região metropolitana de Natal-RN**. 2021. (Dissertação Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/32349>. Acesso em: 15 set. 2023.

GAWRYSZEWSKI, T. M. **Pessoas idosas e sistema prisional: um estudo exploratório a partir da educação**. 2018. (Dissertação Mestrado), Universidade de Brasília - UnB, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31899>. Acesso em: 15 set. 2023.

INFOPEN. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias. Infopen, junho/2017**. Brasília, DF: Ministério da Justiça e Departamento Penitenciário Nacional, 2017. Disponível em: <https://encurtador.com.br/eFNO8>. Acesso em: 07 abr. 2023.

INFOPEN. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias, Infopen dezembro/2019**. Brasília: Ministério da Justiça e Departamento Penitenciário Nacional, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br/servicos/sisdepen>. Acesso em: 07 abr. 2023.

JODELET, D. Ciências sociais e representações: estudo dos fenômenos representativos e processos sociais, do local ao global. **Sociedade e Estado**, v. 33, n. 2, p. 423-442, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-699220183302007>. Acesso em: 15 set. 2023.

KINNER, S. A. et al. Prisons and custodial settings are part of a comprehensive response to COVID-19. **The Lancet. Public Health**, v. 5, n. 4, p. e188–e189, 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S2468-2667\(20\)30058-X](https://doi.org/10.1016/S2468-2667(20)30058-X). Acesso em: 24 jul. 2023.

LEAL, M. C. et al. Birth in prison: pregnancy and birth behind bars in Brazil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 7, p. 2061-2070, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015217.02592016>. Acesso em: 15 set. 2023.

LIMA, R. C. **Mulheres e tráfico de drogas: uma sentença tripla – Parte I**. São Paulo: ITTC: Instituto Terra, Trabalho e Cidadania, 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/fkxS9>. Acesso em: 15 set. 2023.

LOPES, A. M. S. et al. Idosos privados de liberdade: Expectativas sobre a vida após cumprimento da pena. **New Trends in Qualitative Research**, v. 3, p. 411–422, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36367/ntqr.3.2020.411-422>. Acesso em: 24 jul. 2023.

MENDES, S. R. **Criminologia feminista: novos paradigmas**. São Paulo: Editora Saraiva, 2017.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NERI, A. L. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Editora Alínea, 2008.

NUNES, C. C.; MACEDO, J. P. S. Encarceramento Feminino em Presídio Misto. **Estudos E Pesquisas Em Psicologia**,

v. 21, n. 4, p. 1330–1351, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2021.63943>. Acesso em: 15 set. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **A ONU e as pessoas idosas**. 2022. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas>. Acesso em: 07 abr. 2023.

QUEIROZ, N. **Presos que menstruam: a brutal vida das mulheres – tratadas como homens – nas prisões brasileiras**. São Paulo: Record, 2015.

SÁNCHEZ, A.; SANTOS, M.; LAROUZE, B. Sustainable architectural program for tuberculosis control in Brazilian prisons. In: **WHO Regional Office for Europe. Good Practices in Prevention and Care of Tuberculosis and Drug-Resistant Tuberculosis in Prisons**. Copenhagen: WHO, 2018.

SÁNCHEZ, A.; SIMAS, L.; DIUANA, V.; LAROUZE, B. COVID-19 nas prisões: um desafio impossível para a saúde pública?. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. 5, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00083520>. Acesso em: 15 set. 2023.

SANTORO, A. E. R.; PEREIRA, A. C. A. Gênero e Prisão: O encarceramento de mulheres no sistema penitenciário brasileiro pelo crime de tráfico de drogas. **Meritum**, v. 13, p. 87-112, 2018. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/meritum/article/view/5816>. Acesso em: 24 jul. 2023.

WACHELKE, J. F. R.; Wolter, R. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 4, p. 521-526, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400017>. Acesso em: 24 jul. 2023.